

# Sorriso negro e felicidade: cultura negra e afeto na sociedade

» MARCOS ALMEIDA PFEIFER  
Servidor público, mantém o canal Veredas Brasileiras sobre MPB



No primeiro dia do ano, caminhando na beira da praia de Capão da Canoa, litoral gaúcho. Tinha ido agradecer a lemanjá tendo os pés acariados pela água do mar enquanto esboçava no pensamento as linhas que vou dedicar de texto, cultura e afeto para vocês, leitores. Convidado outra vez a escrever neste espaço que tem na cultura negra, entre pesquisas e vivências, um baluarte contra o racismo e a opressão, decidi falar do afeto que sinto como brasileiro. Lembrei de famílias e pessoas que nutrem, entre os seus, amor e afeto a reverberar em suas comunidades e relações sociais. Somos uma sociedade de quilombos.

Gostamos da diversidade, das frutas e castanhas, do feijão à tapioca, da melodia de Nelson Sargento à de Louis Armstrong, do banho de mar ao de cachoeira, de experimentar um tempero novo, uma amizade nova, de partilhar com o vizinho a moqueca do jantar e receber aquele bolinho ou pêssego em caldas da vizinha. Quando encontramos dona Maria, seu Joaquim, ou nos corredores do edifício, no conjunto habitacional ou na rua que une as casas onde moramos, sentimos um aroma de café recém-passado, à luz de um sol raiando, e nossa alma assim despertando para a diversidade e beleza do compartilhar a vida. Quando percebemos o outro, dando nosso olhar e escutando com atenção, orientando com humildade, apontando a direção, serenamos o ambiente, partilhamos vida contente e, até o que era para ser artigo, vira canção. Esse afeto tem voz de samba e sorriso negro.

Tal afeto vem de minha mãe, irmãs e bloco de amigos no carnaval da cidade do interior onde morávamos. Lembrei da tia Elaine, sua alegria e energia ao chegar o carnaval. De gente comparando qual o samba-enedo mais bonito das escolas do carnaval do Rio de Janeiro. Nas ruas cujo calçamento fora posto por trabalhadores que descendiam de avós com a marca da exclusão social e possivelmente da escravidão, seus descendentes tinham a redenção de desfilar na avenida com suas assistas, mestres-salas e integrantes da bateria, onde cada olhar, paetê e lanterna brilhavam feito estrelas no reconhecimento do público e na beleza de viver. E o que falar dos blocos burlados ou blocos de sujo, aliviando o sofrer da vida, o homem vestido de mulher se encontra com o seu feminino e derrota o patriarcalismo rígido e opaco do nosso sistema ainda colonial.

Encontrei o afeto, esse que me benze, nutre e ilumina até hoje, na altivez do andar, na serenidade do olhar, na paciência da fala e gentileza perante a vida, na linda mulher chamada Floriana. Negra alta, vestidos ou saias de sutil beleza, pano na cabeça, o quibebe e o doce de figo a aguçar sabores com os quais ela presenteava minha mãe e nossa família com inigualável afeto, entrega e amor. O carinho na voz cantada quando cumprimentava as pessoas ou perguntava como estavam todos em casa. Depois, quando mudamos de cidade, a alegria do carnaval, do samba e de um sorriso negro bateu às portas da nossa casa com o Nêgo Caco e seu bloco convidando meus pais a serem padrinhos da agremiação, pois, na casa recém-alugada, o casal proprietário era quem apadrinhava o bloco.

Na minha carreira de revisor de textos e apresentador de rádio, vi a inteligência emocional nos meus amigos, colegas de trabalho e gestoras negras, em meio ao fogo socioeconômico de um sistema excludente e racista, combatendo a infâmia do preconceito com o afeto do coração e a beleza de um sorriso negro. Percebi um sorriso negro e senti minha

alma sorrindo esse sorriso quando, desde menino, via os gols, os lances e a genialidade de Pelé, a energia irresistível no cantar de Jair Rodrigues, a presença de todas as mulheres negras na expressão vocal de Elza Soares.

E quando, para subsidiar este artigo, fui falando com as pessoas na praia, perguntando se sabiam cantar um samba ou lembravam de algum, vi a expressão de surpresa e alegria despontar nos rostos, pelo inusitado da pergunta. Senti como é bom falar em samba. A maioria lembrava ou sabia cantar algum samba. Seus semblantes ficaram leves e alegres com a enquete. Como cantava Dona Ivone Lara, genial compositora, inspiração da música brasileira e dessa matéria: “Um sorriso negro traz felicidade...negro é a raiz da liberdade”.

O mistério e silêncio cósmicos que inspiraram minha alma a atravessar tempo tão controverso e violento estabelecerem o som de um atabaque, a fonte dos terreiros com seus orixás, e, entre o mar e a terra, a cantiga de paz, de amor, de fé, que veio d’África, foi plantada no Brasil e que sinto florescida no coração. Sorrindo um sorriso negro.

## O Exército e o mestre de Apipucos

» OTÁVIO RÉGO BARROS  
General da reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

Em 1948, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre proferiu uma palestra na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, na qual abordou o tema: Nação e Exército. Reconhecido no mundo acadêmico, com passagens em universidades estrangeiras de renome, ele espargiria uma lufada de ar não contaminado pelas certezas castrenses.

Foi daqueles momentos em que a história, em seu papel de parteira dando luz a novos cenários, chacoalhou verdades intocáveis que se construíram, desde a Proclamação da República, nas relações entre civis e militares.

O encontro deixou marcas na escola de mais alto nível da Força Terrestre — a Escola do Método — promovendo uma guinada no pensamento crítico dos oficiais do corpo discente e docente. Comparou o mestre de Apipucos a sociologia, sua formação acadêmica, com a ciência militar, graduação dos ouvintes, e o papel de seus atores na elaboração de suas formulações.

Achava ambos os ofícios autossuficientes. Percebia, nesses profissionais, uma mania de grandeza. E não se furtou a criticar-se e criticá-los, mesmo diante de plateia fardada e eventualmente arredia. Clamou Freyre no auditório da tradicional escola: em um país de formação tão diversa quanto o Brasil, civis e militares dispostos ao diálogo e ao entendimento são a maior garantia de que enfrentaremos os desafios do futuro como nação livre e democrática.

Censuras à postura de soldados salvadores foram deixadas às claras pelo sociólogo. Muitas vezes, justo apontar, dizia ele,

por preguiça da sociedade em assumir suas responsabilidades. Ele conhecia bem as peculiaridades de nosso povo. Afinal, sua mais importante obra, *Casa-grande & Senzala*, foi estudo profundo da formação socioeconômica de nossa gente.

O mestre não abdicou de atribuir também ao cidadão comum e, em especial, ao político de profissão parte da responsabilidade pelo alargamento da linha divisória entre estamentos. Admitiu ser impossível em momentos de complexidade social que apenas um grupo se creditasse capaz de conduzir a nação.

Valorizava os militares, reconhecia seus esforços, sabia de seus atributos, mas os encerrava na medida de seus papéis legais. Freyre mordida e assoprava. Afirmou que o Exército, por meio de seus líderes mais esclarecidos, preferia, quando chamado a posicionar-se, o papel de coordenador pacífico ao de ordenador arbitrário de contrários da vida nacional.

Setenta anos se passaram desde que o mestre foi acarinhado por aplausos de seus pupilos fardados ao final da palestra. Quão atual é o autor de *Casa-grande & Senzala*. Nesse salto de tempo, os países evoluíram. O Brasil ajustou-se a essas transformações e, a reboque, a sociedade, civis e militares, precisa combater coesa novos desafios.

O soldado brasileiro moderno resguarda-se do perigo de extremar-se. Ele tem compreensão clara do que ocorre com a coletividade em ebulição, radicalizada, com pessoas cada dia mais individualistas. Por sua missão maior, estabelecida na Carta Magna e legislação derivada, esse soldado se profissionaliza,

estuda o entorno e o mundo, e percebe uma tendência nacionalista de retorno aos estados westfalianos.

Utiliza-se de ferramentas modernas para a defesa da soberania da nação, tanto quanto coopera com o desenvolvimento da infraestrutura nacional. Sabe ele, homens e mulheres uniformados e seus líderes atentos que, sem senso de responsabilidade e sem culto de disciplina, não há exército nem há nação.

Já se acercando da conclusão, vaticinou o sociólogo: “Terão todas as comunidades modernas de cuidar da democratização de seus exércitos ou de suas forças armadas para poderem ser, ou continuarem a ser, democráticas”. Esse cuidado passa pela cooperação entre civis e militares em ambiente de harmonia sem preponderância, interpenetração sem atritos, compreensão e completamente como disse o general Tristão de Alencar Araripe, então comandante daquela escola.

Um alerta nunca tardio se queremos, como sociedade atenta ao seu futuro, desfrutar da mansa estabilidade das maduras democracias. A propósito, no último 19 de abril, comemorou-se o Dia do Exército. No Quartel-General em Brasília, a homenagem à instituição foi repleta de simbolismos.

O presidente da República, comandante em chefe das Forças Armadas, o ministro de Estado da Defesa, autoridades de todos os poderes, militares e civis ouviram a ordem do dia do comandante do Exército, uma chamada à tradição, ao profissionalismo, à responsabilidade institucional e ao futuro de estabilidade. Nosso reconhecimento ao Exército de Caxias

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Há torcida do contra

Não há partido político no Brasil capaz de seguir linhas ideológicas e programáticas, independentes do governo de plantão. São apenas legendas formadas ao sabor das ocasiões, clubes interessados apenas em causas próprias e no bem-estar de seus sócios, sobretudo das lideranças. O que temos é uma pantomima política, distante do sonham os eleitores atentos e do que exige a ética pública.

Dessa forma fica a explicação: não há terceira via, porque não há partidos fortes e independentes, capazes de entender o momento que se anuncia de grave polarização entre o ruim e o péssimo. É com essa visão, que os mais de 30 partidos, colados nas tetas dos cofres da União, enxergam os cidadãos, que, para eles, passadas as eleições, se transformam num estorvo. Simplesmente, não há uma primeira nem uma segunda via que possa levar o país ao bom termo. É nessa sucessão de mediocridades que jornais e mídias sociais registram a história do Brasil.

Sem reformas políticas sérias que colocasse um fim ao foro privilegiado, aos fundos partidários e eleitorais, às emendas secretas, à infidelidade partidária, bem como ao número excessivo e lesivo de partidos, à possibilidade de prisão em segunda instância, ao modelo de suplência, à reeleição e mesmo à impunidade dos políticos, excesso de privilégios econômicos, falar em terceira via, ou numa quarta e quinta vias, não significa nada. Há aqui, um problema de origem de não foi sanado por vontade justamente dos partidos tortos que aí estão. Qualquer desdobramento político vem carimbado com o selo e com os vícios de origem tanto da inoperância, como da continuidade de um modelo onde os brasileiros de bem, que pagam em dia seus impostos, querem ver extinto.

A impossibilidade de candidaturas avulsas e do voto distrital, assim como do dispositivo de recall ou chamada, pelos eleitores daqueles políticos que apresentam “defeito” e sua substituição por gente mais capacitada, é um freio às mudanças que a nação reclama. Isso não quer dizer que não existam candidatos, isoladamente, bons e que poderiam, caso sua capacidade de desprendimento fosse maior que seu ego, fazer alguma diferença nesse próximo pleito. Ocorre que nem a grande massa de eleitores abduzidos e apolíticos e nem mesmo os partidos que aí estão, apostam um níquel sequer nessa possibilidade e mesmo fazem torcida contra.

### » A frase que foi pronunciada

“A história nos desafia para grandes serviços, nos consagrará se os fizermos, nos repudiará se desertarmos.”

Ulysses Guimarães

### Identidade

» Quem nasceu e mora em Brasília sabe que o cimento traz a identidade da cidade. Ver a catedral e outras obras da capital com a fachada pintada é doloroso. Na N2, o anexo do Ministério da Educação foi pintado com uma cor entre o bege e o amarelo. Tragédia maior.

### Precificar a vida

» Há anos se noticia a entrada de psicopatas armados em escolas. Legisladores. Obrigatoriedade de porta rotatória na entrada dos estabelecimentos de ensino evitaria as futuras tragédias. Custo médio R\$ 20 mil. Não vale à pena?

### Fica a dica

» Entre o Big Box e Iguatemi, no Lago Norte, há uma faixa de pedestre. Estaria bem localizada se não houvesse mato impedindo a visão e se a iluminação fosse adequada.

### Revisão

» Agora que já é possível acompanhar o crescimento de uma criança no ventre materno, assistindo às imagens em três dimensões, as primeiras batidas do coração e a formação da coluna vertebral, não faz sentido os hospitais terem legislação permitindo o descarte e incineração do feto morto com peso e estatura inferior ao mínimo exigido pelo Conselho Federal de Medicina. As mães que perdem o filho passam por mais esse sofrimento que, infelizmente, é amparado por lei.

### Conhecimento

» Foi um sucesso a Tarde do Bem-Estar com a dra. Simone Leite e dr. Eugênio Reis, no Brasília Shopping, sobre terapia hormonal e benefícios e rejuvenescimento e a beleza natural na dermatologia. Com a plateia participativa, muitos esclarecimentos foram dados e mitos desfeitos.

### » História de Brasília

Os postes do aeroporto foram mandados fazer pelo ministério as Aeronáutica. A prefeitura mandou liga-los à luz da rua, e, agora, surge um problema. A firma empreiteira não recebeu a parcela final. Nem o ministério quer receber o serviço executado. (Publicada em 18/3/1962)